

Deus e o Diabo na Terra do Sol

O desrespeito do argumento

*A dupla visão sobre o
literário e o cinematográfico*



(...) “Um criador cinematográfico não precisa, para tanto, ser autor do argumento cinematográfico e, quando o é, desrespeita tanto seu próprio argumento quanto desrespeita o dos

outros. Acho que foi Graham Greene que disse: — Nunca faço adaptações de meus livros para o cinema por dois motivos: se meu roteiro for aceito sem modificação é porque infelizmente cai nas mãos de um mau diretor. Se meu roteiro cair nas mãos de um bom diretor será substancialmente modificado...

Greene, não resta dúvida, prefere os bons diretores e mesmo que Carol Reed não seja um gênio não podemos deixar de reconhecê-lo como um diretor de talento. Greene, por outro lado, demonstra compreensão do fenômeno da criação cinematográfica pois a maioria dos escritores, mesmo quando se trata de um Faulkner, jamais puderam compreender que, no complexo fílmico, quem vale é o cineasta e não o escritor. Howard Hawks conta que, tendo convidado Faulkner para escrever o roteiro de *Terra dos Faraós*, teve de enfrentar um grave problema porque Faulkner queria infiltrar os egípcios de sentimentos shakespearianos quando, na realidade, o que deveria fazer era extrair dos faraós elementos que favorecessem a Hawks uma visão pessoal daquele mundo. Entre os dois e levando em consideração a genialidade de Faulkner como escritor sobre o talento de Hawks, não foi possível um sucesso conjunto. O mundo literário de Faulkner não interessava ao mundo físico, o mundo das epidermes em ritmo de Hawks: difícil, porém, seria explicar a Faulkner a grande admiração e compreensão que Hawks tinha por sua literatura. E Faulkner, no fundo, como a maioria dos escritores, não possuía a dupla visão sobre o literário e o cinematográfico, visão que possuem quase todos os cineastas.” (...)

Glauber Rocha, in *Cinema Moderno Cinema Novo*, coord. Flávio Moreira da Costa, José Alvaro, Editor S.A., Rio de Janeiro, 1966.